



## **MAUS à Latuff: A Representação Imagética do Judeu/Israelense do Holocausto ao Conflito Israelo-palestino<sup>1</sup>**

Gabriel Rodrigues Alves SANTOS<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

### **RESUMO**

O artigo apresenta uma comparação entre obras de Art Spiegelman (a *graphic novel* MAUS) e Carlos Latuff (charges sobre a questão israelo-palestina), considerando os fatores históricos do Holocausto durante a Segunda Guerra Mundial e do conflito pelo território entre Israel e Palestina, respectivamente. Com isso, traça considerações sobre a representação do judeu nesse processo histórico e as mudanças de acordo com a ideologia manifestada pelos autores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Israel; judeu; representação; conflito; Palestina.

### **1 INTRODUÇÃO**

No jornalismo, a opinião manifesta-se no texto produzido, independente do véu de imparcialidade que se afirme pelo veículo ou profissional, pois os signos atribuídos aos textos são permeados por ideologias e vivências de mundo. Isso não é diferente na produção de demais produtos midiáticos, seja no ambiente hegemônico, seja nas produções *underground* e/ou militantes.

Propagar informação, e por consequência visão de mundo, nunca foi privilégio de jornalistas. Ainda mais em tempos de internet, em que vivenciamos um mergulho num mundo cada vez mais tecnológico, considerando o advento da internet e a integração entre os meios midiáticos, proporcionando uma enorme potencialidade de espaço para diferentes vozes. A mídia pauta, se pauta e é pautada por essa “revolução digital”.

A imagem constitui no meu jornalístico impresso, geralmente, como um complemento ou ilustração do texto verbal. Mas muitos são os profissionais que, em contra partida, a tornam protagonista no processo comunicativo. Partindo dessa ideia, o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Estudante do 5º semestre do curso Comunicação Social: habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, email: gabrielras@live.com.



presente artigo propõe-se a discutir a representação, e por consequência a opinião, que determinados autores possuem sobre um mesmo grupo étnico-cultural, considerando períodos históricos diferentes, mas intrinsecamente relacionados. O primeiro objeto de análise será a *graphic novel* Maus, de Art Spiegelman, com dois trechos selecionados e, posteriormente, serão analisados dois *cartoons* de Carlos Latuff. Com isso, se objetiva compreender as diferenças na representação e pontuando considerações sobre contribuições e/ou desserviços que cada obra possa evidenciar.

## 2 HISTÓRIA

Para compreender as obras analisadas nesse artigo devemos entender dois períodos históricos e como a população judia se configura nesses momentos. Entendendo que a separação e nomeação de tempos históricos é uma prática humana usual para a interpretação de determinados períodos, consideremos para a análise o período da Segunda Guerra Mundial, com os campos de concentração nazistas, e, por fim, a partir da constituição do Estado Israelense na segunda metade do século XX.

### A Segunda Guerra Mundial e os campos de concentração Nazistas

O século XX foi a era dos extremos, Hobsbawm (1995) afirma. E mais do que isso, o período do início da década de 10 até o fim da década de 40 é o período da catástrofe, de guerra total. Com as duas guerras mundiais, milhões de pessoas foram dizimadas e muitas regiões completamente destruídas.

O Nazismo alemão foi um dos principais fatores da Segunda Guerra Mundial e o chamado Holocausto é um dos maiores símbolos desse período. Rossignoli (2013, p. 1-2) afirma que até o início dos anos 1960, o ocorrido mal figurava no imaginário social da Europa, com poucas obras literárias e históricas, assim como filmes. Só a partir dessas décadas que iniciou-se um trabalho de recuperação e reconhecimento dessas memórias dos sobreviventes e dos locais. O número de mortos é uma incógnita. Só em Auschwitz, estima-se mais de um milhão de judeus morreram<sup>3</sup>.

Hoje muitos são os filmes, livros e especiais que relembram as condições em que os judeus se encontraram durante o período da Segunda Guerra Mundial. MAUS é

---

<sup>3</sup> Disponível em: <http://goo.gl/nNqPwF>.



um desses livros, que possui uma narrativa diferenciada e mantém o registro histórico sobre os acontecimentos de Auschwitz.

### **A criação do Estado Israelense e o conflito com a Palestina**

A criação do Estado de Israel ocorreu em 1948, através de aprovação da ONU no ano anterior. Mas antes mesmo disso, existiam judeus vivendo em inúmeros países árabes.

É importante destacar, conforme esclarecimentos de Chinaglia (*apud* GUEDES, DIAS & SOUSA, 2011), que ser árabe não significa ser islâmico e ser israelense não significa ser judeu, e vice-versa. Árabe é referente à península arábica<sup>4</sup>, definindo um padrão étnico e cultural. Ainda assim, existem particularidades em cada nação.

Guedes, Dias & Sousa também destacam que desde período da expansão marítima, os árabes são vistos como “exóticos”, “diferentes” e “misteriosos”, partindo de um etnocentrismo europeu/ocidental que ainda influencia em sua representação pelos veículos midiáticos “do lado de cá de Greenwich”.

O movimento sionista recebe apoio de grupos judeus de outras partes do mundo e até mesmo de outros grupos e religiões cristãs. Nesse conflito também é importante destacar o antissemitismo. Conforme Abraham (*apud* BEZERRA, FEROLLA & SPANNENBERG, 2011), o “Antissemitismo é movimento organizado, antijudaico, que pode se basear tanto na perseguição religiosa, como na perseguição econômica, racial ou política, denominada, hoje, como ‘antissionista’”. Portanto, ele entende antissemitismo e antissionismo como sinônimos.

Esse posicionamento não é unânime e Belisário (2010) diferencia os termos, entendendo que o antissemitismo se configura como conotação de racismo, discriminação e preconceito, enquanto que o antissionismo

tem uma conotação política, sendo uma figura análoga ao anti-imperialismo, ligado à liberdade de opinião e a autodeterminação dos povos. [...] É uma postura crítica à política de expansão do Estado Judeu sobre as terras pertencentes ao povo palestino, sem faltar com o respeito ao povo Hebreu e a sua cultura. [...] Tais palavras são necessárias porque muitos adeptos do sionismo rebatem as críticas às suas convicções alegando se tratar de propaganda antissemita. (p. 1)

Aqui cabe questionar a correlação de forças entre Israel e Palestina. O povo judeu que muito já sofreu, desde a Diáspora (no primeiro século d.C.), passando pelo Holocausto

---

<sup>4</sup> Região compreendida entre o mar Vermelho e os golfos Pérsico e de Omã.



até a consolidação do Estado de Israel no fim década de 40 do século XX. Durante esse período manteve os traços étnicos e culturais, sempre se organizando em grupos nos países em que se estabeleciam. Mas todas as dificuldades enfrentadas não a eximem de também exercer uma força opressora e aberta ao diálogo, como o reconhecimento de um Estado Palestino, seja considerando a demarcação de 1948, seja a de 1967 que é a configuração que muitos países reconhecem como pertencente à Palestina, conforme pontua Belisário (2010).

### 3 A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA

A imagem constitui como um elemento gráfico que proporciona ao indivíduo humano a capacidade de entendimento inicialmente do todo, para depois observar as partes, ao contrário dos textos verbais. Isso acontece pois

os desenhos são produtos da mente humana, formas de expressão aglutinadoras do cérebro racional (esquerdo) e intuitivo (direito), pois aliam o conhecimento e pesquisa científica na elaboração de idéias, transmitidas através de textos ou não, mesclados com a criatividade espontânea dos desenhos pessoais. (ANDRAUS, 2003, p. 5)

As histórias em quadrinhos são obras que se constituem pela arte sequencial e estabelecem relação de continuidade em si. Conforme Andraus (2003, p. 2), as charges, por sua vez, são nada mais que a matriz das HQs. Ele também pontua que a palavra *charge* é francesa que pode significar “ataque” ou “carregar”. Para facilitar a interpretação, nesse artigo as obras de Latuff podem ser referidas como charge, *cartoon*/*cartum* ou caricatura, pois utilizam elementos e características comuns compor suas publicações.

Livros e/ou compilados de HQs, também chamados de *graphic novels*, hoje também atraem mais o público adulto, trazendo temáticas mais pesadas e atuais, como MAUS de Art Spiegelman e até mesmo o *comics journalism* de Joe Sacco.

#### MAUS de Art Spiegelman

Os quadrinhos de MAUS foram iniciados em 1980 e só finalizados em 1991, ganhando o Prêmio Especial Pulitzer. Ganhou nessa categoria pois não conseguiram



definir com exatidão se a obra era biografia ou ficção. Art Spiegelman é o único autor de história em quadrinhos que já foi premiado no Pulitzer.

O fato é que MAUS é uma das grandes obras da literatura e um dos mais importantes relatos sobre a perseguição aos judeus pela Alemanha Nazista por ter uma forma narrativa e imagética tão peculiar.

A primeira característica notada logo ao primeiro contato é que os personagens são animais. O antropomorfismo apresenta uma análise sobre a própria postura étnica e cultural de cada grupo retratado. Como afirma Cavalcanti (2012), “sem deixar de conferir fidelidade ao relato de um sobrevivente” (p. 3) e “como um método literário recorrentes em apontar comportamentos humanos grotescos” pois “os desenhos impõem o esteriótipo de personagem animalizado” (p. 8). Isso mostra sua preocupação a forma como a história está sendo contada e na identificação dos grupos pelos leitores.

A epígrafe da segunda parte da obra, intitulada “E aqui meus problemas começaram”, elucida um pouco do porquê da escolha em representar judeus como ratos e alemães como gatos. O trecho foi retirado de um artigo de jornal alemão da década de 30.

Mickey Mouse é o ideal mais lamentável de que se tem notícia [...] As emoções sadias mostram a todo rapaz independente, todo jovem honrado, que um ser imundo e pestilento, o maior portador de bactérias do reino animal, não pode ser o tipo ideal de animal [...] Abaixo a brutalização do povo propagada pelos judeus! Abaixo Mickey Mouse! Usem a Suástica! (p. 164)

O antissemitismo ambientado por Art, o Holocausto, é um dos episódios mais violentos da história causando a morte de milhões, com um valor aproximado pouco definido. Seu personagem principal é Vladek, seu pai. Anja, sua mãe também é recorrente, com todos os conflitos pessoais que o autor ainda tem com ela. São duas temporalidades narrativas diferentes: As memórias do passado de Vladek e também as entrevistas e conversas relacionadas ao convívio com o pai e ao processo de produção por Art.

Como história em quadrinhos, um dos seus principais destaque é conseguir contar histórias nessa área que ainda carece de visibilidade. MAUS caracteriza-se por ser uma obra de não-ficção. Dutra (2003) revela, portanto, “a dificuldade que a grande maioria das pessoas têm em encarar os quadrinhos como um suporte adequado para obras de não-ficção.” (p. 2).



Dois trechos foram selecionados, portanto, para entender a representação que Art faz dos próprios judeus, a partir do personagem principal, o seu pai Vladek. A primeira seleção corresponde 185-186 em que Vladek explica os primeiros momentos logo que chegar ao campo de Auschwitz. O segundo é um trecho que se passa já nos anos 80 em que Art explicita parte da contradição que ele enxergava em seu pai.

### **Os *cartoons* de Carlos Latuff**

Carlos Latuff é brasileiro, descendente de libaneses, e se destaca pela produção de *cartoons* com um posicionamento político muito forte, com seus trabalhos sendo utilizados por jornais e sites, majoritariamente de esquerda. É um dos nomes mais reconhecidos internacionalmente quanto ao ativismo nos quadrinhos/*cartoons*. Ele se utiliza de um humor mais ácido e irônico para evidenciar seu posicionamento sobre conjunturas políticas e acontecimentos ao redor do mundo.

Muito ativo nas redes sociais, sempre envolve-se em polêmicas e divulga seus trabalhos. Seu blog [www.latuffcartoons.wordpress.com](http://www.latuffcartoons.wordpress.com) mantém o acervo de publicações para consulta. Inúmeros são os trabalhos sobre a relação conflituosa entre Israel e Palestina. Foram escolhidas duas peças: a primeira sobre os 64 anos da criação do Estado de Israel e a segunda em que declara ser antissionista e não antisemita.

Como Pinheiro, Braquehais & Sena Junior (2013) pontuam, Latuff ganhou notoriedade pelos seus trabalhos na internet e “foi listado como uma das personalidades mais antisemitas em 2012 pelo Centro Simon Wiesenthal.” (p. 5).

As duas charges de Latuff escolhidas para este artigo foram publicadas em 2012 e 2013, respectivamente. A primeira traz a “mãe palestina” marcada com a data de criação do Estado de Israel e a segunda afirma que antissionismo não é antisemitismo.

## **4 ANÁLISE**

Para análise e comparação, primeiro serão apresentados dados sobre os autores e obra e depois os dois trechos escolhidos de Art Spiegelman e os dois *cartoons* de Carlos Latuff. A primeira de cada trará temática similar sobre as marcas que o conflito deixa. A segunda, por sua vez, trata sobre o preconceito e conflito com o diferente.



MAUS, p. 185-186.

Logo no início da segunda parte de MAUS, intitulada “E Aqui Meus Problemas Começaram”, Art detalha os primeiros momentos de seu pai em Auschwitz, logo após a sua chegada, em 1944. Vladek conta das humilhações e medos iniciais dele e demais prisioneiros. Continuar vivo naquele momento era mais questão de sorte do que qualquer outro fator.

As condições eram precárias e eles começavam a serem introduzidos a condições que não vivenciavam. O receio de sair gás na sauna de água fria a qualquer instante e matá-los, correrem nus na neve e pegarem uniformes que não necessariamente correspondiam ao tamanho da pessoa.

Os judeus foram marcados com um número de identificação para serem registrados pelo controle nazista. Hoje é um dos maiores símbolos das lembranças do período para os que sofreram nos campos de concentração, como o próprio Vladek mostra. O Holocausto estava marcado em suas peles.



Charge de Carlos Latuff

A charge foi intitulada “64 anos de uma catástrofe chamada Israel”<sup>5</sup> foi feita em 2012. A “mãe palestina” é uma personagem frequente no cartoons de Latuff, sempre mostrada como uma guerreira sofredora. Nessa ela é representada chorando com a marca ainda sangrando de “1948” no braço direito.

A bandeira da Palestina é perceptível em suas vestimentas, cobrindo a parte frontal de seu dorso. As inscrições no seu braço lembram as marcações feitas nos campos de concentração nazistas com um código também no braço esquerdo. Assim, Latuff compara o que Israel faz hoje com a Palestina com o que o Nazismo alemão fez com os judeus.

Em comparação com o trecho da HQ MAUS, Latuff utiliza o mesmo elemento presente no último quadro: a inscrição do número no braço esquerdo, como de todo o processo de exploração que um grupo teria sobre o outro: na produção de Art, os nazistas sobre os judeus, na obra de Latuff, os israelenses sobre os palestinos.

---

<sup>5</sup> Do original “64 years of a catatrosphe called Israel”. (Tradução livre)

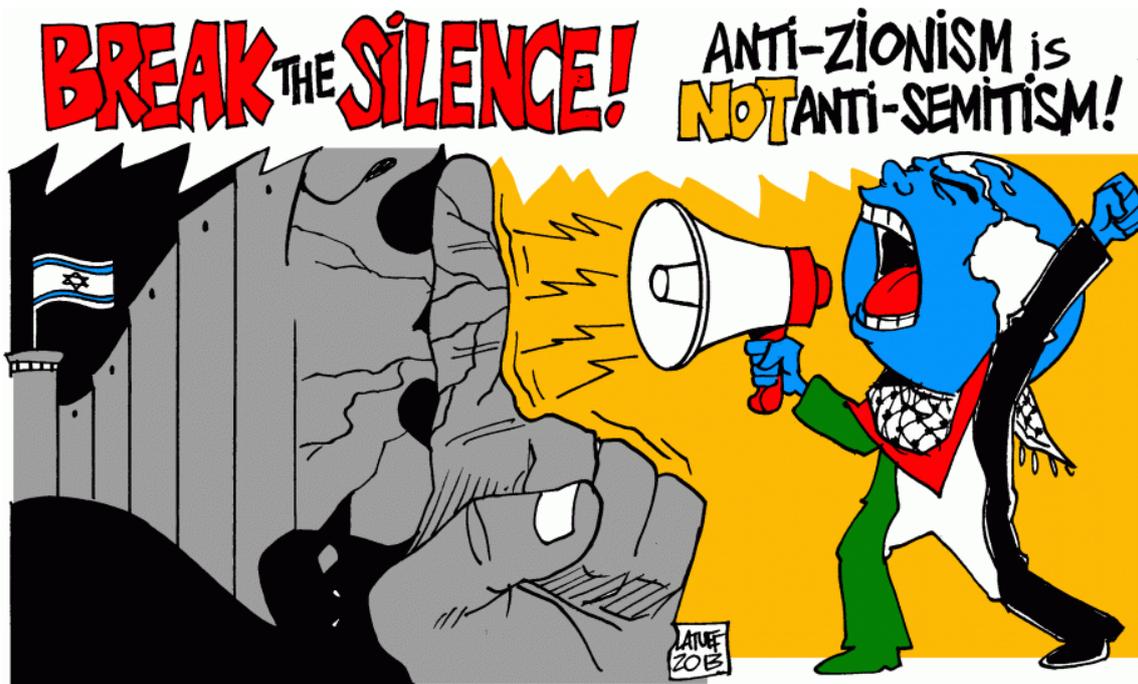


MAUS, p. 258-259.

O primeiro selecionado se encontra nas páginas 258 e 259 do volume único. Temos quatro personagens: Vladek, Art, Françaiose e um quarto sujeito, negro. O trecho decorre com o pedido de carona do americano (os americanos são representados por cão), dois quadros com ele no veículo e a exaltação do sobrevivente em relação ao negro a quem ele se refere como *shvarser*.

*Shvarser* é uma palavra alemã ofensiva para referir-se ao negros. Como a personagem Françaiose afirma, mesmo sendo judeu e tendo sofrido todos os males nos campos de concentração, Vladek mantém uma postura racista e preconceituosa,

entendendo-se como pertencente a uma classe superior ao negros. Tudo o que ele sofreu não o torna necessariamente uma pessoa mais esclarecida quanto ao respeito ao próximo, quando possui características diferentes da sua. O oprimido pode manter também um sistema de opressão sobre outro.



Charge de Latuff

Na charge, Latuff utiliza a seguinte inscrição: “Quebre o silêncio! Antissionismo não é antisemitismo!”<sup>6</sup>. Além da inscrição, o *cartoon* possui dois elementos principais. O muro israelense (sinalizado com a bandeira da nação) fazendo o sinal de silêncio e o indivíduo com o corpo da bandeira palestina e com a cabeça no formato de globo terrestre gritando (dando a entender que o mundo apoia a fala) e com isso quebrando o sinal de silêncio e o muro, por consequência.

Latuff quer explicitar com isso que não é preconceituoso com o judeus por serem judeus. Ao contrário da afirmação já posta de Abraham, ele, assim como Belisário, entende que sua posição política é pró-Palestina e com isso, enxerga grande parte dos males que o Estado israelense impõe a faixa de Gaza e demais territórios palestinos.

<sup>6</sup> No original: “Break the silence! Anti-zionism is not anti-semitism!”. (Tradução livre)



Em comparação, ambas obras tratam do preconceito. A primeira, do judeu Vladek contra um sujeito negro, a segunda de Carlos Latuff para os israelenses, o que ele categoricamente afirma não ser.

## 5 CONCLUSÃO

Após a análise dos trechos e charges, podemos entender que, apesar de tratarem de temáticas similares, a forma de apresentação é orientada pelo viés ideológico que ambos possuem sobre os indivíduos que retratam.

Art Spiegelman retrata o próprio pai, portanto possui uma ligação com ele. Entretanto, isso não o poupou de mostrar as características negativas de sua personalidade, como o episódio de racismo evidenciado no trecho selecionado. Ainda assim, conseguiu apresentar com detalhes os horrores que Vladek vivenciou em seu período como prisioneiro no campo de concentração de Auschwitz. Como afirma, Cavalcanti (2012), “a narrativa necessariamente entrelaçada entre imagem e palavra ajudaram Spiegelman em tornar a experiência [de leitura] numa espécie de lugar comum entre o sobrevivente e o ouvinte do testemunho” (p. 12), evidenciando a profundidade do antissemitismo que foi o holocausto.

Carlos Latuff, por sua vez, acredita que “a função da arte é violentar”, conforme citação de Glauber Rocha<sup>7</sup> que ele atualmente utiliza como subtítulo do blog. Por isso, suas charges manter uma característica de transformar o Estado de Israel no vilão da história e até trazer traços antissemitas. Conforme FEROLLA (2013), após analisar uma série de publicação do cartunista, ele nota que “os cartuns de Latuff promovem a estereotipação do conflito em uma guerra entre o bem e o mal, sendo Israel o lado maléfico, e a Palestina o lado bondoso” (p. 42) e que “essa propagação massiva pode vir a ser pensada e utilizada para fins eliminacionistas, o que independe se foi essa a intenção original de Latuff ou não” (p. 43). É importante ressaltar, entretanto, que o cartunista, para além das charges sobre a questão israelo-palestina, “consegue dar voz a grupos que não possuem acesso aos grandes meios de comunicação, incentivando e dando apoio às suas lutas” (PINHEIRO, BRAQUEHAIS & SENA JUNIOR, 2013, p. 14). Não podemos ignorar que ambos os lados não tem uma equivalência de força bélica, portanto há uma relação de opressor e oprimido, por mais diversas que essas

---

<sup>7</sup> Cineasta brasileiro que dirigiu Deus e o Diabo na Terra do Sol (1963) e Terra em Transe (1967).



nuances possam ser. A Palestina sofre mais com os confrontos porque não tem condições de luta de “igual para igual”. Não que seja o ideal, que deve ser mesmo a paz, mas em que não haja apenas um lado vitorioso em um possível acordo.

Ambos os autores trazem reflexões, e por consequência posicionamentos, que contribuem para entender o processo de representação dos judeus ao longo da história recente da humanidade. Pois mesmo Spiegelman evidencia, com toda sua genialidade e lucidez, que até mesmo os que sofreram com um dos episódios mais bárbaros da história recente da humanidade podem propagar preconceitos e dar força a uma situação de preconceito, repressão e opressão.

## 6 REFERÊNCIAS

ANDRAUS, Gazy. charges.com.br: Literatura imagética das notícias via internet. In: **XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom**, Belo Horizonte: Intercom, 2 a 6 set 2003. Disponível em: <<http://goo.gl/hLCljV>>. Acesso em 09 mar 2014.

BELISÁRIO, Luiz Guilherme. A questão da Palestina à luz da história, do DIP, da teoria tridimensional do direito, da posição do Brasil e da Europa. **Revista Examãpaku** v. 3, n. 2. Boa Vista: UFRR, 2010. Disponível em <<http://goo.gl/wTLVqB>>. Acesso em 10 mar 2014.

BEZERRA, José Pedro; FEROLLA, Vítor Carvalho; SPANNENBERG, Ana Cristina Menegotto. A paz e os estereótipos: análise de presença de elementos antissemitas nos cartuns de Carlos Latuff. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom**. Recife: Intercom – 2 a 6 set 2011. Disponível em <<http://goo.gl/MFDuY8>>. Acesso em 10 mar 2014.

CAVALCANTI, Thaís Leandro. A narração dos relatos de guerra: considerações sobre MAUS, de Art Spiegelman. In: **XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. Recife: Intercom, 14 a 16 jun 2012. Disponível em <<http://goo.gl/scQAfs>>. Acesso em 10 mar 2014.

DUTRA, Antônio A. C. Quadrinhos de não-ficção. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom**. Belo Horizonte: Intercom, 2 a 6 set 2003. Disponível em <<http://goo.gl/xsU2Iz>>. Acesso em 09 mar 2014.



FEROLLA, Vítor Carvalho. **A representação identitária dos judeus em cartuns de Carlos Latuff sobre a Segunda Intifada: uma visão semiótica e discursiva.** 2013. 47 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

GUEDES, João Victor; DIAS, Luciene; SOUSA, Rômulo. A mídia ocidental e os povos árabes – uma relação de preconceito e generalizações. In: **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste.** Cuiabá: Intercom, 8 a 10 jun 2011. Disponível em <<http://goo.gl/zp3RCq>>. Acesso em 09 mar 2014.

HOBBSAWN, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

LATUFFCARTOONS. **64 years of a catastrophe called Israel.** Disponível em <<http://goo.gl/Ey3pIB>>. Acesso em 09 mar 2014.

\_\_\_\_\_. **Break the silence! Anti-zionism is not anti-semitism!.** Disponível em <<http://goo.gl/FplsMa>>. Acesso em 09 mar 2014.

PINHEIRO, Carlos Augusto Martins; BRAQUEHAIS, Ingrid Matela; SENA JUNIOR, Paulo César Barbosa de. Traços libertários: as charges de Carlos Latuff sob o ponto de vista da semiótica. In: **XXXVI Encontro Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom.** Manaus: Intercom. 4 a 7 nov 2013. Disponível em <<http://goo.gl/JstTLv>>. Acesso em 10 mar 2014.

ROSSIGNOLI, Letícia. Vítimas judias e o Holocausto: um trabalho de memória. In: **IX Encontro Nacional de História da Mídia.** Ouro Preto, MG: UFOP, 30 mai a 1 jun 2013.

SOUZA, Felipe Andrade Silva de. Profeta do genocídio: a satanização de Ahmadnejad na Revista Veja. In: **XII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul.** Londrina, PR: Intercom, 26 a 28 mai 2011. Disponível em <<http://goo.gl/rLjW0B>>. Acesso em 10 mar 2014.

SPIEGELMAN, Art. **MAUS: a história de um sobrevivente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.